



## ***Perfil epidemiológico das internações por conjuntivite e outros transtornos da conjuntiva no Brasil entre 2019 e 2024***

Wemili Langa de Andrade<sup>1</sup>, Eduarda Andreino Costa<sup>1</sup>, Gabriela de Deus Miranda<sup>1</sup>, Isabela Dheniffer Santos<sup>1</sup>, Isadora Furlaneto Freire<sup>1</sup>, Roberta Milani Gonçalves<sup>1</sup>, Yasmin Coelho Costa<sup>1</sup>



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n11p1192-1203>

Artigo recebido em 7 de Outubro e publicado em 17 de Novembro de 2025

### **ARTIGO ORIGINAL**

#### **RESUMO**

A conjuntivite é uma inflamação da conjuntiva que representa uma das condições oftalmológicas mais prevalentes, afetando indivíduos de todas as idades. Suas causas incluem agentes infecciosos, alérgicos e irritativos, sendo as formas viral, bacteriana e alérgica as mais comuns. Por seu potencial de disseminação e impacto na qualidade de vida dos pacientes, a doença representa um importante problema de saúde pública. Objetivo: Analisar o perfil epidemiológico das internações hospitalares por conjuntivite e outros transtornos da conjuntiva no Brasil entre 2019 e 2024, considerando variáveis como sexo, faixa etária e região geográfica. Métodos: Trata-se de um estudo epidemiológico, retrospectivo e descritivo, baseado em dados secundários obtidos no Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), por meio do DATASUS. Foram analisadas variáveis relacionadas ao número de internações e óbitos, distribuídas por ano, região, sexo e faixa etária. Resultados: Observou-se maior número de internações no sexo feminino, com maior concentração de casos na Região Sudeste e menor ocorrência na Região Norte. As faixas etárias de 50 a 59 anos apresentaram os maiores índices de internação, refletindo a vulnerabilidade da população adulta e idosa. Entre 2019 e 2020 houve uma redução significativa de casos, possivelmente associada às medidas de isolamento durante a pandemia de COVID-19, seguida de aumento posterior em 2024. Conclusão: As internações por conjuntivite e outros transtornos da conjuntiva no Brasil refletem desigualdades regionais e demográficas, relacionadas ao acesso aos serviços de saúde e às condições socioeconômicas. Reforça-se a necessidade de fortalecer a vigilância epidemiológica e ampliar as ações preventivas, incluindo diagnóstico precoce, educação em saúde e acesso a atendimento oftalmológico.

**Palavras-chave:** Conjuntivite, DATASUS, epidemiologia, hospitalizações.

# **Epidemiological profile of hospital admissions for conjunctivitis and other conjunctival disorders in Brazil from 2019 to 2024**

## **ABSTRACT**

Conjunctivitis is an inflammation of the conjunctiva that represents one of the most prevalent ophthalmological conditions, affecting individuals of all ages. Its causes include infectious, allergic, and irritative agents, with viral, bacterial, and allergic forms being the most common. Due to its potential for dissemination and impact on patients' quality of life, the disease represents a significant public health problem. Objective: To analyze the epidemiological profile of hospitalizations for conjunctivitis and other conjunctival disorders in Brazil between 2019 and 2024, considering variables such as sex, age group, and geographic region. Methods: This is a retrospective and descriptive epidemiological study based on secondary data obtained from the SUS Hospital Information System (SIH/SUS), through DATASUS. Variables related to the number of hospitalizations and deaths, distributed by year, region, sex, and age group, were analyzed. Results: A higher number of hospitalizations were observed in females, with a greater concentration of cases in the Southeast Region and a lower occurrence in the North Region. The 50-59 age group presented the highest hospitalization rates, reflecting the vulnerability of the adult and elderly population. Between 2019 and 2020, there was a significant reduction in cases, possibly associated with isolation measures during the COVID-19 pandemic, followed by a subsequent increase in 2024. Conclusion: Hospitalizations for conjunctivitis and other conjunctival disorders in Brazil reflect regional and demographic inequalities related to access to health services and socioeconomic conditions. This reinforces the need to strengthen epidemiological surveillance and expand preventive actions, including early diagnosis, health education, and access to ophthalmological care.

**Keywords:** conjunctivitis, DATASUS, epidemiology, hospitalization.

**Instituição afiliada** – Universidade de Rio Verde – Campus Goianésia

**Autor correspondente:** Wemili de Andrade Langa — [wemililanga2@gmail.com](mailto:wemililanga2@gmail.com)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)





## **INTRODUÇÃO**

A conjuntivite é uma inflamação da conjuntiva, a membrana mucosa que reveste a parte anterior do globo ocular e a superfície interna das pálpebras. Esta condição é uma das mais prevalentes em oftalmologia, afetando indivíduos de todas as idades e origens. As causas da conjuntivite são variadas, incluindo agentes infecciosos, alérgicos e irritativos, e suas manifestações clínicas podem variar significativamente. Os sintomas típicos incluem hiperemia, lacrimejamento, secreção ocular e prurido, que podem impactar a qualidade de vida dos afetados.

As conjuntivites podem ser classificadas em três categorias principais: viral, bacteriana e alérgica. A conjuntivite viral, frequentemente causada por adenovírus, é altamente contagiosa e geralmente se associa a epidemias sazonais, especialmente em períodos de maior circulação de vírus respiratórios <sup>1</sup>. Já a conjuntivite bacteriana, que pode ser provocada por patógenos como *Staphylococcus aureus* e *Haemophilus influenzae*, é comum em crianças e, embora possa ser autolimitada, muitas vezes requer tratamento com antibióticos tópicos para prevenir complicações <sup>2</sup>. Por outro lado, a conjuntivite alérgica resulta de reações a alérgenos como pólen, poeira ou pelos de animais, sendo caracterizada por prurido intenso e lacrimejamento <sup>3</sup>.

Além da conjuntivite, outros transtornos da conjuntiva, como a pinguécua e o pterígio, têm relevância significativa em oftalmologia. A pinguécua é uma elevação amarelada na conjuntiva, frequentemente associada à exposição crônica ao sol, enquanto o pterígio é uma proliferação fibrovascular que pode invadir a córnea, levando a problemas visuais e desconforto ocular <sup>4</sup>. Esses transtornos não apenas afetam a saúde ocular, mas também podem ter implicações sociais e econômicas, especialmente em populações com acesso limitado a cuidados de saúde.

A epidemiologia da conjuntivite e de outros transtornos da conjuntiva é influenciada por diversos fatores, incluindo geográficos, climáticos e demográficos. Estudos mostram que a prevalência de conjuntivite é maior em ambientes com alta densidade populacional, como escolas e creches, onde a transmissão de agentes infecciosos é facilitada <sup>5</sup>. A sazonalidade também desempenha um papel importante,



com a conjuntivite viral frequentemente aumentando durante os meses de outono e inverno, enquanto a conjuntivite alérgica tende a ser mais comum na primavera e no verão.

Este estudo visa investigar a epidemiologia da conjuntivite e outros transtornos da conjuntiva, analisando fatores de risco, modos de transmissão e a eficácia das intervenções existentes. A compreensão dos padrões epidemiológicos é essencial para a implementação de estratégias de prevenção e controle, além de contribuir para o desenvolvimento de políticas de saúde pública que visem melhorar a saúde ocular da população. Ao abordar este tema, esperamos fornecer subsídios para futuras pesquisas e práticas clínicas, promovendo uma melhor compreensão das dinâmicas envolvidas na saúde ocular e suas implicações na qualidade de vida dos indivíduos afetados.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo epidemiológico, retrospectivo e descritivo, com base em dados secundários sobre morbidade e mortalidade, obtidos por meio do Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS), com acesso via Departamento de Informática do SUS (DATASUS).

O período analisado corresponde aos anos de 2019 a 2024, abrangendo os dados mais recentes disponíveis na plataforma até o momento da coleta. Foram utilizados como filtros os registros hospitalares relacionados à Lista Morb CID-10: Conjuntivite e outros transtornos da conjuntiva, considerando todas as faixas etárias e ambos os sexos (masculino e feminino), em nível nacional, conforme local de residência dos pacientes.

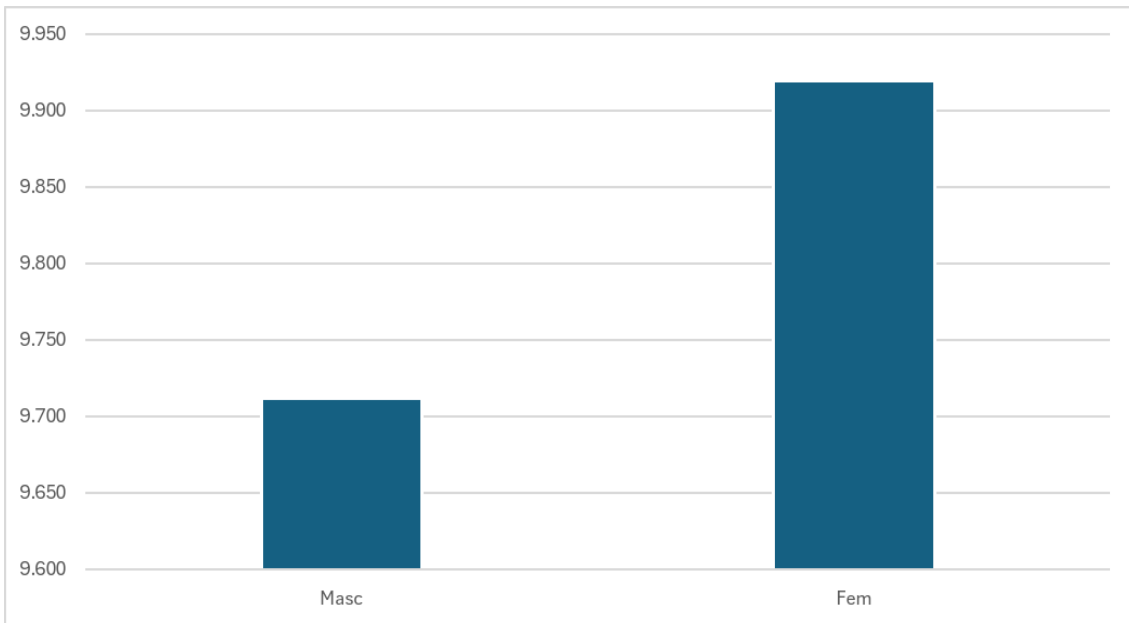
As variáveis consideradas neste estudo foram: ano de processamento, região geográfica, sexo, faixa etária, número de internações hospitalares e número de óbitos, possibilitando uma análise descritiva da distribuição dos casos e da mortalidade hospitalar associada aos diagnósticos em questão.

## **RESULTADOS**

O estudo evidenciou padrões distintos de internações por transtornos da

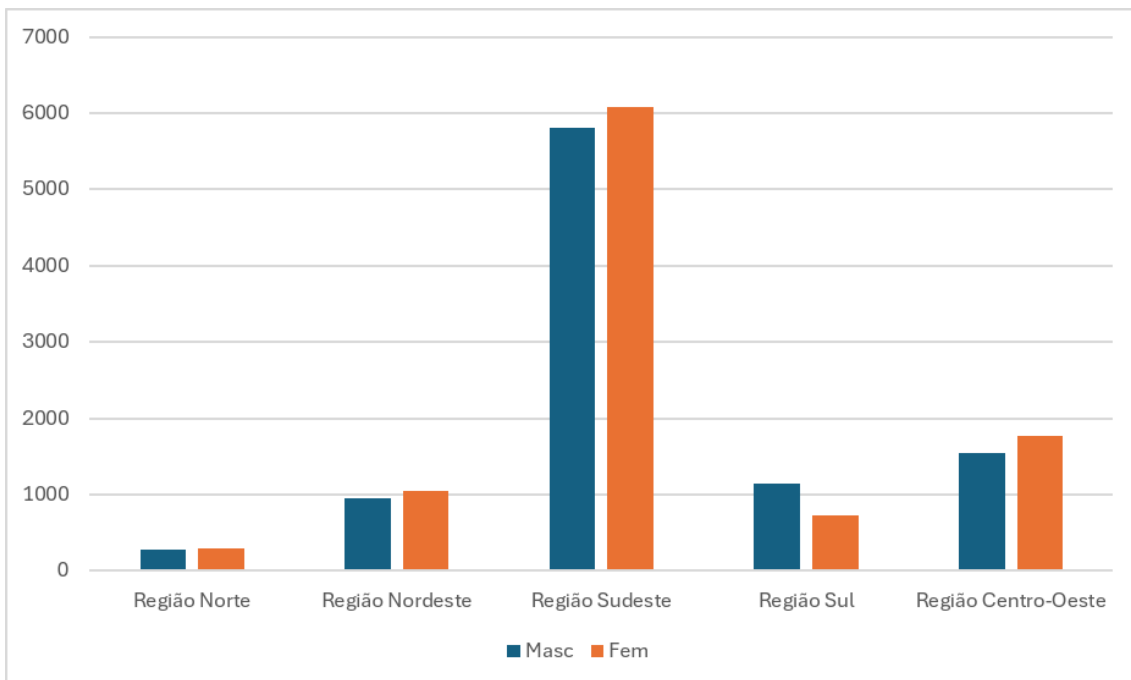
conjuntiva no Brasil, analisados por sexo, região, ano e faixa etária. Observou-se que, de maneira geral, o sexo feminino apresentou um número superior de internações em comparação ao sexo masculino na maioria das regiões do país, sendo a Região Sudeste a que registrou maior número absoluto de casos em ambos os sexos. A Região Norte apresentou os menores índices de internação.

**Gráfico 1.** Internações por transtornos da conjuntiva por sexo



**Fonte:** DATASUS

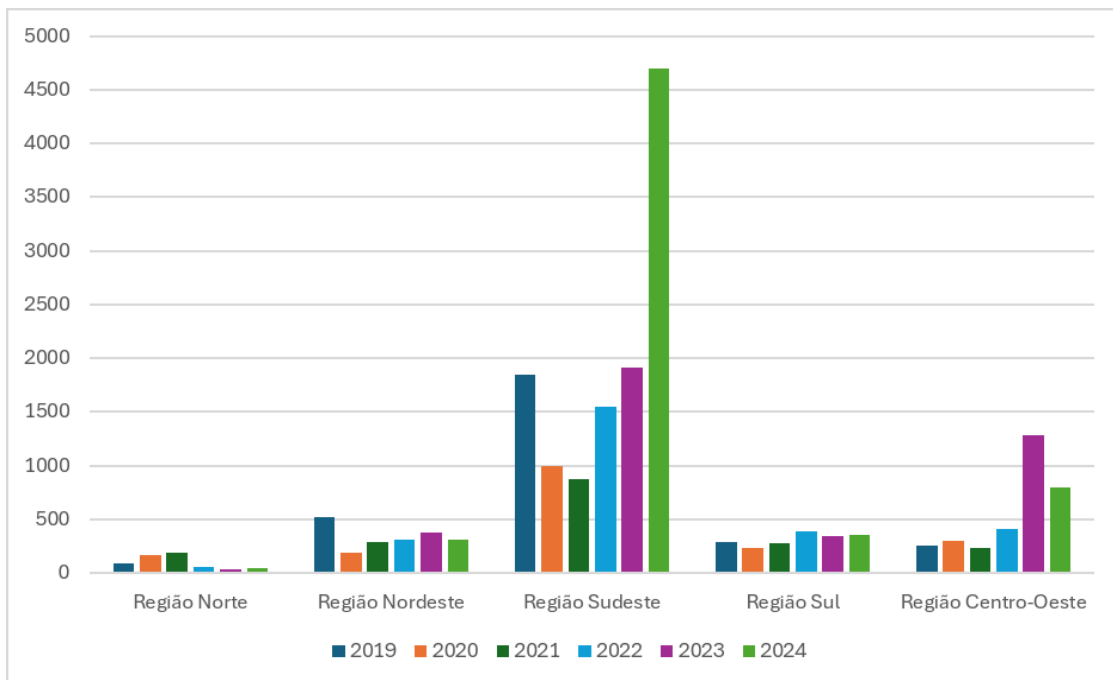
**Gráfico 2.** Internações por transtornos da conjuntiva por sexo e região



**Fonte:** DATASUS

Na análise temporal, o gráfico 3 apresenta a distribuição anual de internações hospitalares relacionadas a transtornos da conjuntiva no Brasil, discriminadas por regiões geográficas (Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste). Os dados abrangem o período de 2019 até 2024 e permitem uma análise comparativa da ocorrência desses transtornos entre diferentes localidades ao longo do tempo. Observa-se que o número de internações varia consideravelmente entre as regiões, sendo mais elevado em determinadas áreas, como no Sudeste, o que pode refletir fatores como densidade populacional, acesso aos serviços de saúde e condições ambientais. Além disso, é possível identificar tendências, no geral, ao longo dos anos, como aumento em 2024, e queda no ano de 2021 no número de internações, que podem estar associadas a políticas públicas de saúde ocular, campanhas de prevenção, ou mudanças nos critérios de notificação e diagnóstico.

**Gráfico 3.** Internações por transtornos da conjuntiva por ano e região

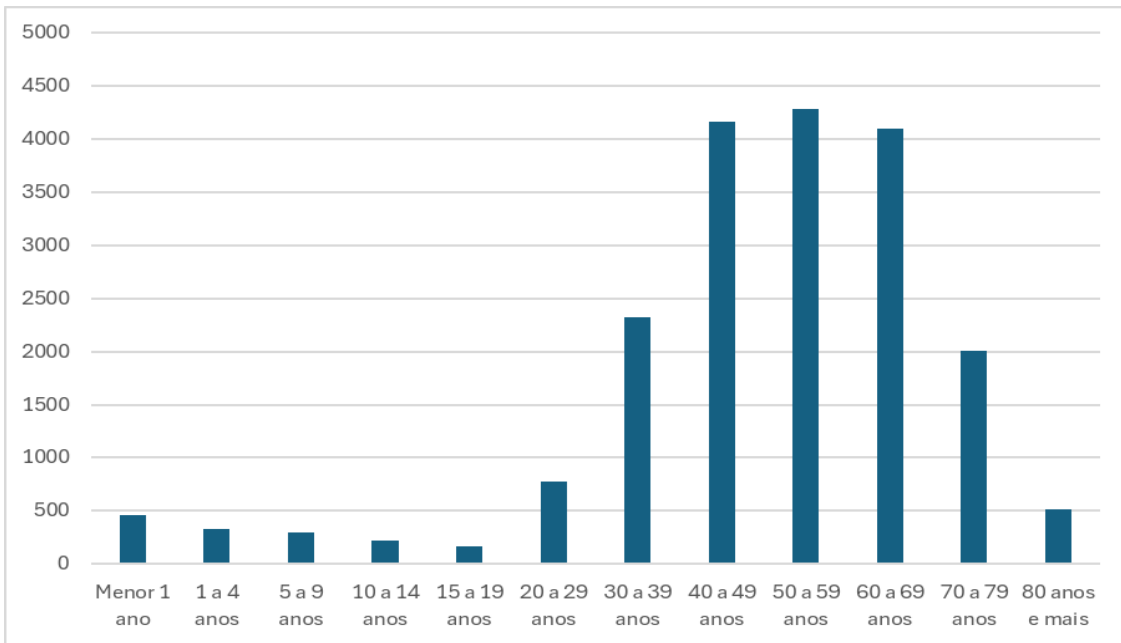


**Fonte:** DATASUS

Quanto a distribuição do total de internações por transtornos da conjuntiva segundo as diferentes faixas etárias. Observa-se uma maior concentração de casos em determinadas faixas, o que evidencia a vulnerabilidade de grupos específicos da população a esse tipo de enfermidade ocular. Os dados indicam que adultos de 50 a 59

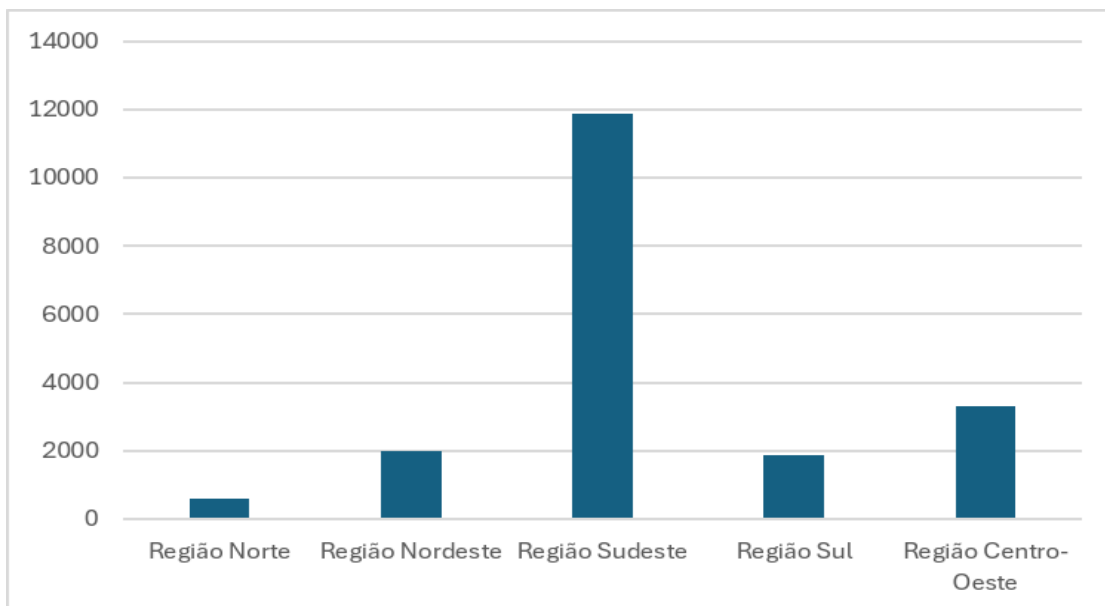
anos representam o grupo com o maior número de internações, sugerindo uma necessidade de atenção especial a essa população em ações preventivas e políticas de saúde pública. Por outro lado, outras faixas etárias, como adolescentes de 15 a 19 anos, apresentaram números significativamente menores, o que pode estar relacionado a fatores como imunidade, exposição ambiental ou acesso ao tratamento ambulatorial.

**Gráfico 4.** Total de internações por transtornos da conjuntiva por faixa etária



**Fonte:** DATASUS

**Gráfico 5.** Total de internações por transtornos de conjuntiva por região





**Fonte:** DATASUS

## **DISCUSSÃO**

O presente estudo evidenciou padrões distintos de internações por transtornos da conjuntiva no Brasil entre os anos de 2019 e 2024, considerando sexo, região geográfica e faixa etária. Observou-se que o sexo feminino apresentou discretamente mais internações em comparação ao sexo masculino. Esse achado pode estar relacionado a fatores comportamentais das mulheres como maior procura por atendimento médico por parte do público feminino, bem como maior adesão aos serviços de saúde e conseqüente registro mais frequente de casos que evoluem para hospitalização<sup>6</sup>.

Em termos regionais, a Região Sudeste destacou-se com o maior número absoluto de internações, seguida pelas regiões Centro-Oeste, Nordeste, Sul e Norte. Essa distribuição pode refletir não apenas a maior densidade populacional em algumas dessas regiões, mas também diferenças no acesso ao atendimento primário e na notificação de casos, uma vez que episódios leves de transtornos da conjuntiva geralmente não demandam internação hospitalar, sendo manejados ambulatorialmente. A Região Norte, com os menores índices de internação, pode refletir subnotificação ou as barreiras de acesso geográfico que envolvem grandes distâncias, tempos, custos, precárias condições de vias e transportes, com variação sazonal diferenciada, conforme fluxos fluviais ou terrestres de acesso aos serviços hospitalares<sup>7,8</sup>.

A análise temporal revelou uma tendência de queda nas internações nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul no período entre 2019 e 2020, com destaque para a região Sudeste, onde houve redução mais acentuada de 1851 internações no ano de 2019 e 999 em 2020 e 870. Essa tendência pode estar relacionada à subnotificação e às mudanças nos padrões de exposição durante a pandemia de COVID-19, com medidas de isolamento social e uso de máscaras, que também atuaram na redução de infecções oculares transmissíveis<sup>9</sup>.



Em relação à faixa etária, os dados demonstraram uma predominância clara em populações adultas e idosas, especialmente em adultos de 50 a 59 anos, seguidas pelo grupo de 40 a 49 anos e idosos de 60 a 69 anos, seguidos pelo grupo de 70 a 79 anos. A vulnerabilidade dessa população pode ser explicada pela deficiência do sistema imunológico, dificuldades com higiene pessoal adequada e a pirâmide etária brasileira que tem passado por um processo de inversão, no qual há um aumento progressivo da população idosa e uma redução da população jovem <sup>10, 11</sup>.

Ao longo deste estudo, identificamos padrões distintos de internações por transtornos da conjuntiva no Brasil entre 2019 e 2024, analisando variáveis como sexo, região geográfica e faixa etária. No entanto, algumas limitações precisam ser consideradas. A principal delas está relacionada à dependência dos registros hospitalares, o que pode levar à subestimação da real incidência desses transtornos, uma vez que muitos casos são tratados de forma ambulatorial e não entram nas estatísticas de internação. Além disso, a falta de dados mais detalhados sobre óbitos dificulta uma avaliação completa da gravidade da condição, impossibilitando uma análise aprofundada sobre possíveis fatores de risco que podem levar a desfechos mais severos.

Outro desafio encontrado foi a possível subnotificação de casos, especialmente em regiões onde o acesso aos serviços de saúde é mais restrito, como na Região Norte. Diferenças na infraestrutura hospitalar, na disponibilidade de profissionais de saúde e até nas barreiras geográficas podem influenciar diretamente nos números reportados. Dessa forma, é essencial considerar que os dados analisados refletem não apenas o perfil epidemiológico da condição, mas também características do sistema de saúde e da forma como os registros são realizados.

Para estudos futuros, recomenda-se ampliar a abordagem metodológica, incorporando dados de atendimentos ambulatoriais e informações mais detalhadas sobre os óbitos associados aos transtornos da conjuntiva. Além disso, a utilização de técnicas mais avançadas de análise epidemiológica e estatística, bem como a inclusão de fatores socioeconômicos, permitirá uma visão mais ampla e precisa sobre os determinantes das internações. Dessa forma, futuras investigações poderão contribuir significativamente para o aprimoramento das políticas públicas de saúde e estratégias



de prevenção, garantindo um manejo mais eficaz desses casos em diferentes regiões do Brasil <sup>12</sup>.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo evidenciou que as interações por conjuntivite e outros transtornos da conjuntiva, no Brasil, entre 2019 e 2024, apresentaram maior incidência no sexo feminino, predominância na Região Sudeste e maior ocorrência em adultos de 50 a 59 anos. Esses resultados indicam a influência de fatores como densidade populacional, acesso aos serviços de saúde e vulnerabilidade etária na distribuição dos casos, além de sugerirem que barreiras geográficas e socioeconômicas contribuem para desigualdades no registro e tratamento da doença.

Destaca-se como limitação do estudo a análise restrita às interações hospitalares, o que pode subestimar a real incidência da condição, os achados reforçam a necessidade de fortalecer a vigilância epidemiológica e investir em estratégias preventivas. Políticas públicas que ampliem o acesso ao atendimento oftalmológico, promovam o diagnóstico precoce e estimulem ações educativas são fundamentais para reduzir a carga dessas doenças e minimizar seus impactos sobre a qualidade de vida da população.

## **REFERÊNCIAS**

1. Kanski JJ, Bowling B. Clinical Ophthalmology: A Systematic Approach. 8th ed. Elsevier Health Sciences; 2015.
2. Schein OD, Tielsch JM, Racialdi L, et al. Conjunctivitis: A review of the clinical and epidemiological literature. *Am J Ophthalmol.* 1997;124(3):393–400.
3. Agarwal P, Gupta A. Allergic conjunctivitis: an overview. *Indian J Ophthalmol.* 2020;68(1):1–7.
4. Friedman NJ, Dyer J. Pterygium: epidemiology, pathogenesis, and treatment. *Curr Opin Ophthalmol.* 2018;29(6):525–30.
5. Thompson HS, Morrow S. Epidemiology of conjunctivitis: a review of the literature. *Ophthalmology.* 2019;126(2):234–41.



6. Desigualdades de gênero e raciais no acesso e uso dos serviços de atenção primária à saúde no Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2021;26(9):3863–76. doi:10.1590/1413-81232021269.05732021.
7. Lima JG, Giovanella L, Bousquat A, Fausto M, Medina MG. Barreiras de acesso à atenção primária à saúde em municípios rurais remotos do Oeste do Pará. *Trab Educ Saúde*. 2022;20:e00616190. doi:10.1590/1981-7746-ojs616.
8. Guimarães AF, Barbosa VLM, Silva MP, Portugal JKA, Reis MHS, Gama ASM. Acesso a serviços de saúde por ribeirinhos de um município no interior do estado do Amazonas, Brasil. *Rev Pan-Amaz Saude*. 2020;11:e202000178. doi:10.5123/s2176-6223202000178.
9. Bocchese LFA, Silva AB, Mahmud IMA, Ferreira RC. Alteração do perfil epidemiológico das conjuntivites no Hospital Banco de Olhos de Porto Alegre após o início da pandemia da COVID-19. *Rev Bras Oftalmol*. 2023;82:e0031. doi:10.37039/1982.8551.20230031.
10. Bolotari SL, Lima de Almeida R, Almeida RF, Bertolin C. Principais doenças oculares entre idosos: revisão da literatura. *Rev Corpus Hippocraticum* [Internet]. 2023 [citado 2025 abr 23];1(1). Disponível em: <https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-medicina/article/view/886>
11. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2023 out 27 [citado 2025 abr 23]. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>
12. Barata RB. Epidemiologia e políticas públicas. *Rev Bras Epidemiol* [Internet]. 2013 [citado 2025 abr 23];16(1):3–17. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2013000100001>